



GEN OU TODO?
(*GEN OR TODO?*)

Juá Fialho VAZZATA-DIAS (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *This paper shows that Brazilian Portuguese sentences like “Leão tem juba/ Todo leão tem juba”; “Galinha põe ovo/ Toda galinha põe ovo”; “Homem é canalha/ Todo homem é canalha” have different semantic interpretations (generic and universal quantification) even they share the type of predicate .*

KEYWORDS: *TODO; GEN; Universal Quantification; Generic Sentences; individual-level/stage-level Predicates.*

0. Introdução

A literatura separa claramente sentenças com quantificação universal (1), das sentenças genéricas (2):

- (1) a. Todo homem é mortal
- b. Toda mulher tem cromossoma XX

- (2) a. Leão tem juba
- b. Homem é canalha.

Verificaríamos dois operadores distintos atuando nas formas lógicas de (1) e (2): o quantificador universal e o operador genérico, respectivamente. Vejamos que uma estrutura como (2) (N predicado) não garante a interpretação genérica para (3):

- (3) Homem é mortal

Parece, então, que não é apenas o operador que indica genericidade, o predicado também tem sua parcela de atuação. O predicado em (1) direciona uma interpretação de quantificação universal. Tanto é assim que (4) não passa:

- (4) ?? Geralmente homem é mortal.

A literatura, como veremos, distingue predicados *characterizing* de predicados particulares. Argumentaremos que é preciso distinguir um outro tipo de predicado: o *law-like*. Há, contudo, um problema com o qual nos deparamos. Quando temos sentenças como (5), com a presença formal de um item que marca quantificação universal no PB (‘Todo’), como as interpretamos? Tratam-se de sentenças genéricas (com operador **GEN**) ou com quantificação universal?



- (5) a. Todo leão tem juba
b. Todo homem é canalha

A questão é: qual é, então, a diferença (se é que ela existe) entre (5) e (2)? Nossa hipótese é que a presença explícita de ‘Todo’ direciona para uma interpretação universal, ao passo que a sua ausência empurra para uma interpretação genérica. Quer dizer, há dois operadores: o universal (que denominamos **TUDO**) e o genérico (**GEN**). Dependendo de alguns fatores (o tipo de predicado pode ser um deles), um ou outro será acionado. Como veremos mais adiante, temos mais um problema: precisamos não só separar um predicado law-like de um predicado genérico propriamente dito, mas também fazer distinções entre este último tipo (em (5), *ter juba* e *ser canalha*, por exemplo).

Este trabalho (que se constitui em uma descrição preliminar dos fatos), é organizado como se segue: na primeira parte são abordadas (não exaustivamente) algumas questões referentes à genericidade e ao operador **GEN**; em seguida, discutimos nossa hipótese, retomando algumas idéias da seção anterior (neste momento, apresentamos resultados parciais de testes realizados com falantes do PB). Uma breve conclusão resume os pontos principais.

1. Genericidade

Há duas variedades básicas do fenômeno apontado como GENERICIDADE: o NP genérico e a *sentença genérica* ou *characterizing* (que é a que nos interessa aqui), mostrada em (6):

- (6) a. A potato contains vitamin C, amino acids, protein and thiamine
b. John smokes a cigar after dinner

(Carlson e Pelletier, 1995:3).

Em oposição às sentenças particulares, as sentenças genéricas são “proposições que não expressam episódios específicos ou fatos isolados mas, ao invés disso, reportam-se a um tipo de *propriedade geral*, ou seja, a uma regularidade que sintetiza grupos de episódios ou fatos particulares” (op. cit. p. 2). Embora as sentenças genéricas possam, aparentemente, se confundir com as sentenças universalmente quantificadas, é necessário, segundo Carlson e Pelletier, diferenciá-las, pois ao contrário destas últimas, as primeiras admitem exceções.

Podemos apontar algumas construções do PB que reforçam a leitura genérica, em detrimento da interpretação particular: os advérbios *geralmente*, *usualmente*, *tipicamente*, *frequentemente*, etc. (‘Pedro geralmente fuma charuto’); o auxiliar *costumar* ... (‘Pedro costuma fumar charuto’); itens lexicais como *ter (uma) inclinação para* (‘Pedro tem inclinação para fumar charutos’), *ter o hábito de* (‘João tem o hábito de beber uísque antes de jantar’), *ter tendência a* (‘Maria tem tendência a se gripar no inverno’), *típico* (‘O escocês típico bebe bastante uísque’); etc..



Referir-se à oposição entre sentenças genéricas e particulares é falar da diferença que há entre propriedades não-transitórias e propriedades transitórias ou episódicas, respectivamente. A primeira é uma propriedade *individual-level* e é expressa por predicados *individual-level* (IL)¹; já a segunda propriedade é do tipo *stage-level* e vem marcada nos predicados *stage-level* (SL).

Diesing (1992), analisando sentenças do inglês com indefinidos nomes-nus no plural, verifica que a interpretação semântica das mesmas pode variar conforme o tipo de predicado da sentença: se do tipo IL (aqueles que correspondem a estados mais ou menos permanentes - *inteligente, ter seis patas*) ou SL (correspondentes a estado temporários - *disponível, grávida* - e atividades transitórias - *fumar*). A autora postula que em uma representação lógica, os sujeitos nomes-nus de predicados SL podem aparecer tanto no escopo nuclear ([Spec, VP]) e serem vinculados ao operador existencial, quanto na cláusula restritiva ([Spec, IP]) e aparecerem vinculados ao operador abstrato *GEN*² ((7)). Por outro lado, sujeitos nomes-nus de predicados IL podem aparecer somente na cláusula restritiva e serem vinculados apenas ao operador *GEN* ((8)):

- (7) a. Firemen are available.
b. $\exists x$ x is a fireman $\wedge x$ is available
c. $\text{Gen}_{x,t}$ [x is a fireman $\wedge t$ is a time] x is available at t
- (8) a. Lions have manes.
b. Gen_x [x is a lion] $\exists y$ y is a mane $\wedge x$ has y
(Diesing, 1992:356, 357)

Chierchia (1995) também faz essa distinção entre interpretações (com alguma variação terminológica e de formulação semântica). Para ele, enquanto os predicados SL podem apresentar tanto usos genéricos quanto episódicos, (9) e (10), respectivamente, os predicados IL admitem somente usos genéricos (11). Além disso, o autor assume que “o operador genérico é um quantificador universal com uma força modalizadora especial que o permite tolerar exceções” (p. 113).

- (9) I smoke cigarettes
(10) Yesterday, I smoked cigarettes
(11) Fred knows Latin. (op. cit.:112 e 114)

2. Discussão da hipótese

¹ Carlson (1977, apud Chierchia, 1995:112) identifica três tipos de predicados IL:
a) verbos estativos como *saber, amar*, etc.; b) nominais predicados como *ser um homem, ser um aluno*, etc.; c) adjetivos como *inteligente, azul, alto*, etc.

² Advérbio quantificacional sem realização fonológica, com o significado próximo de *geralmente* ou *tipicamente* (Chierchia, 1995:114).



Apresentamos, na introdução, três grupos de sentenças que nos interessam: 1º) Todo N predicado *law-like* ((1)); 2º) N predicado genérico ((2)); 3º) Todo N predicado genérico ((5)). Interessa-nos buscar evidências para a hipótese de que as duas últimas construções teriam formas lógicas distintas (operadores diferentes). É possível que, no segundo tipo de construção (como em (2)), tenhamos o operador abstrato *GEN* em LF³. Contudo, parece que na construção como em (5) o que teríamos é um tipo de quantificação universal.

Se aplicamos as construções que reforçam a interpretação genérica propostas por Carlson e Pelletier, verificamos que as mesmas funcionam com certos predicados ((12)) e com outros parece que não ((13)):

- (12) a. Homem é canalha.
a'. Homem tem tendência a/costuma ser canalha.
- (13) a. Leão tem juba.
a'. ??Leão tem tendência a/costuma ter juba.
b. Mulher tem útero.
b'. ??Mulher tem tendência a/costuma ter útero.

Talvez precisemos repensar o tratamento dado às sentenças em (12) e (13) como igualmente genéricas. Vimos que o fato de não haver um operador explícito, como em (3), não garante a leitura genérica, pois o predicado *law-like* como *ser mortal* empurra para uma interpretação universal. Pensamos, então, se as sentenças em (13a,b) não se aproximariam mais de uma como em (3), numa gradação em cujos extremos estão *law-like* mesmo e genéricos mesmo. Quer dizer, uma sentença como (12) lidaria com muito mais exceções do que as sentenças em (13). Isto de alguma maneira viria a influenciar a interpretação tanto da construção *N predicado* quanto da construção *Todo N predicado*, conforme veremos mais adiante.

Outro ponto nos chama a atenção. Segundo Carlson e Pelletier, uma sentença genérica, quando marcada formalmente, tem o seu operador claramente mais relacionado com o verbo finito do que com algum argumento desse verbo, não havendo quaisquer casos em que o marcador é parte do NP. Isso parece ser um indício de que construções *Todo N predicado* como em (5) direcionam para uma interpretação universal, por causa da presença explícita do 'todo' que opera sobre o predicado do domínio da quantificação- afirmando que o predicado vale para todos os indivíduos que estão neste domínio. Por isto podemos dizer que o operador atua no SN, ao passo que o genérico atua no verbo.

Nossa hipótese é confirmada ainda por um teste informal aplicado com falantes do PB, com objetivo de observar como esses informantes interpretam os grupos de sentenças pesquisados neste trabalho (exemplos dos tipos (1) e (3); (2); (5)). Foi examinado um total de 23 testes, cujos resultados descrevemos a seguir. Como já era previsto, as sentenças do primeiro grupo (como em (1) e (3)) receberam 100% de

³ Esta hipótese parece se confirmar também em Müller (1999). Infelizmente este texto só nos chegou às mãos quando nosso trabalho já estava pronto.



interpretação como quantificação universal (sem exceção), demonstrando aí a presença em forma lógica de um operador abstrato **TODO** (algo como “ \forall ” da lógica).

Para as sentenças como em (2), chegamos ao seguinte resultado: verificamos que os falantes tendem a interpretar essas sentenças como havendo exceções à regra, dando indícios de que pode haver um operador como **GEN** atuando em forma lógica: ‘Leão tem juba’ - 69,5%; ‘Funcionário daquela loja fuma’ - 78,2%; ‘Mulher tem útero’ - 78,2%; ‘Cão tem rabo’ - 69,5%; ‘Galinha põe ovo’ - 69,5%; ‘Homem é canalha’ - 91,3%; e ‘Italiano sabe receitas de massa’ - 95,6%.

Contudo, conforme já colocamos, parece que não podemos tratar todas essas sentenças como apresentando o mesmo grau de genericidade, ou seja, não podemos juntar predicados como *ter rabo*, *pôr ovo*, *ter juba* ou *ter útero*, com predicados como *saber receitas de massa* ou *ser canalha*. Reparem que as porcentagens de interpretações com exceção são consideravelmente maiores para os dois últimos (95,6% e 91,3%), em relação aos primeiros.

Os resultados para as sentenças como em (5) corroboram nossa hipótese: houve uma tendência à interpretação “sem exceção” para estas sentenças com ‘todo’ (‘Todo leão tem juba’ - 91,3%; ‘Toda galinha põe ovo’ - 73,9%; ‘Toda mulher tem útero’ - 69,5%; e ‘Todo cão tem rabo’ - 60,8%). Apenas as sentenças ‘Todo funcionário daquela loja fuma’, ‘Todo homem é canalha’ e ‘Todo italiano sabe receitas de massa’ fugiram, de certa forma, à essa regra (47,8%; 43,4% e 43,4%, respectivamente, de interpretação sem exceção).

Parece não ser por acaso que as sentenças com esses predicados (*ser canalha* e *saber receitas de massa*) e sem a presença formal do ‘todo’ tenham também porcentagens altas para a interpretação “com exceções”. Isso nos levar a pensar que predicados como *ter juba*, *ter útero*, *ter rabo*, *pôr ovo* se aproximam mais dos *lawlike* (as poucas exceções não comprometem o valor de verdade da sentença - a esse respeito, cf. Guimarães, 1995), enquanto que *ser canalha* e *saber receitas de massa* não. Se for assim, então sentenças do tipo *Todo N predicado* têm tendência a ser interpretadas como universais, a menos que o predicado se afaste dos tipos *law-like*. Ao passo que sentenças do tipo *N predicado* são genéricas, a não ser que o predicado empurre para o universal (um predicado *law-like*).

3. Conclusão

Dois aspectos foram considerados: a presença ou não do operador universal e o tipo de predicado. Esta combinação pode gerar interpretações universais ou genéricas (padrões de comportamento). Admitimos a existência de dois operadores: um operador universal **TODO** atuando em sentenças do tipo *Todo N predicado*; e um operador **GEN** presente na forma lógica de sentenças *N predicado* (exceto aquelas com predicado *law-like*: ‘Homem é mortal’; ‘Mulher tem cromossoma XX’).

Pudemos levantar alguns argumentos a favor da nossa hipótese. Os resultados empíricos do teste realizado dão alguns indícios de que nossas expectativas procedem. Além disso, os números revelam que precisamos trabalhar com algum tipo de gradação no tratamento dos predicados, e não tratá-los todos como predicação genérica. Este fato



fica ainda mais claro quando aplicamos certas construções que reforçam a leitura genérica a determinados tipos de sentenças como (13a,b), e vemos que a sentença resultante não soa bem (no mínimo). Por fim, levantamos mais um argumento a nosso favor: enquanto o operador genérico não faz parte do NP, o operador universal sim.

Uma última consideração. A quantificação universal em (5) não seria a mesma presente em (1) e (3) (em que parece haver uma correspondência direta com o operador universal da lógica), mas um outro modo de se interpretar este tipo de quantificação (não como um caso de ambigüidade mas de multiplicidade de sentidos - na concepção de Moravcsik, 1995 - presente nas línguas naturais). Mas isso dá um outro texto.

Nossa breve reflexão obviamente não esgota os argumentos que ainda podem ser levantados, mas acreditamos que nosso trabalho pode contribuir para entendermos melhor a quantificação universal e a genericidade nas línguas naturais.

RESUMO: *Este trabalho mostra que sentenças do PB como “Leão tem juba/Todo leão tem juba”; “Galinha põe ovo/Toda galinha põe ovo”; “Homem é canalha/Todo homem é canalha” apresentam interpretações semânticas distintas (genérica e quantificação universal), embora tenham algo em comum, ou seja, o tipo de predicado.*

PALAVRAS-CHAVE: *TODO; GEN; Quantificação Universal; Sentenças Genéricas; Predicados individual-level/stage-level.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLSON, Gregory N. & PELLETIER, Francis Jeffrey (Eds.). *The Generic Book..* Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- CHIERCHIA, Genaro. A note on the contrast between individual level vs. stage level predicates in German. In: BERTINETTO, P. M. et. Al. (Eds.). *Temporal Reference, Aspect and Actionality. Semantic and Syntactic Perspectives*, v. 1, p. 111-123. Torino: Rosenberg & Sellier, 1995.
- DIESING, Molly. Bare Plural Subjects and the Derivation of Logical Representations. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v.23, n. 3, p. 353-380, 1992.
- GUIMARÃES, Márcio Renato. Sobre o comportamento semântico de “qualquer”. *Letras*, Curitiba, n.44, p.59-66, 1995.
- MÜLLER, Ana. *A expressão da genericidade no português do Brasil*. 1999 (mimeo)
- MORAVCSIK, Julius M. *Meaning, Creativity, and the Partial Incrustability of the Human Mind*. California: CSLI Publications, 1998.